

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**As Conferências Populares da Glória como espaço de sociabilidade e formação de
opinião pública, 1873/1880**

Karoline Carula*

Resumo: Na década de 1870 foram realizadas, no Rio de Janeiro, as Conferências Populares da Glória, que tinham como objetivo divulgar a ciência, as artes e a literatura. O público freqüentador, composto pela camada letrada da sociedade carioca, acolheu de forma positiva as Conferências, que se firmaram como mais um espaço de sociabilidade na Corte. Discuto neste trabalho como as Conferências obtiveram força política, constituindo-se em um espaço público privilegiado para a formação de opinião pública. A repercussão na imprensa foi importante tanto por dar legitimidade ao espaço das Conferências, quanto por reverberar discussões sucedidas, colaborando na disseminação e cristalização das idéias apresentadas. Enfim, analiso o papel deste local de formação de opinião pública como um espaço de discussão, de temas que também eram abordados em outros espaços públicos.

Palavras-chave: Conferências Populares da Glória – Sociabilidade – Opinião Pública.

Abstract: During the 1870s were realized, at Rio de Janeiro, the Gloria Popular Conferences (Conferências Populares da Glória) that had the purpose to publicize the science, arts and literature. The public, composed by the literate stratum from Rio de Janeiro society, welcomed the Conferences, which hold firm as a space of sociability at the Court. I discuss on this work how the Conferences gained political power, constituting oneself as a privileged public space for the formation of public opinion. The repercussion in the press was important a much to object the legitimacy for the spaces of the Conferences, as to reverberate the occurred discussion, contributing on the dissemination and crystallization of the presented ideas. Finally, I analyse the role of this place of formation of public opinion as a space of debate about subjects that were broached in other public spaces.

Key-words: Gloria Popular Conferences – Sociability – Public Opinion.

Em 1873, no Rio de Janeiro, foram inauguradas conferências na escola pública da Freguesia da Glória, conhecidas como Conferências Populares da Glória, que duraram até a primeira década do século XX.¹ Idealizadas e organizadas pelo conselheiro Manoel Francisco Corrêa objetivavam divulgar a ciência, as artes e a literatura. O público freqüentador,

* Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

¹ Este trabalho faz parte de minha dissertação de mestrado, defendida, em 2007, no Departamento de História da UNICAMP, na área de concentração “Política, memória e cidade”, na linha de pesquisa “Jogos do político”, intitulada: *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. Mesmo não enfocando neste trabalho o darwinismo, mantive o recorte cronológico – 1873, ano de início das Conferências; 1880, ano em que o tema do darwinismo apareceu na obra literária *O mulato*, de Aluísio Azevedo.

composto pela camada letrada da sociedade, acolheu de forma positiva as Conferências, que se firmaram como mais um espaço público² de sociabilidade na Corte.

Ao trabalhar o conceito de sociabilidades formais e informais, Marco Morel destaca que as sociabilidades formais são as que ocorrem em associações como, por exemplo, a maçonaria, e salienta o caráter multifuncional, isto é, mais de uma função social, das associações: “As dimensões econômica, filantrópica, pedagógica, corporativa, política e cultural podem encontrar-se imbricadas numa mesma instituição” (MOREL, 2005:221). Considero que a perspectiva que enfoca as sociabilidades formais possa ser de grande valia para a compreensão das Conferências Populares, uma vez que elas podem ser consideradas como um tipo de associação e, também apresentavam alguns dos traços multifuncionais, neste caso o pedagógico, o político e o cultural.

Em 1875, o espaço físico destinado à realização das Conferências foi aumentado, assinalando a sua crescente notoriedade como espaço de sociabilidade. Isto suscitou a indignação de determinadas instituições que sentiram seus lugares de autoridade ameaçados como, por exemplo, a Igreja. A concessão de uma sala em um edifício público para as conferências provocou a censura de *O Apostolo*. Em 1874, a Associação Católica Fluminense solicitou ao governo o salão da escola de S. José para a execução de uma conferência; seu pedido foi negado. Já, quando da permissão dessa mesma sala para a execução das Conferências Populares, o jornal teceu críticas à atitude do ministro, salientando que ele não poderia dispor de um edifício público daquela maneira, mencionando que sua construção fora custeada com o dinheiro dos contribuintes.

A publicação católica depreciou as Conferências Populares e repreendeu o conselheiro Corrêa, que não poderia ter recebido o direito de utilizar o local para tratar dessas “bugigangas literárias”, desta forma, desqualificando o evento. Tal crítica marca a relevância que possuía tal espaço público. As Conferências da Glória se consolidaram como um lugar de debate público. Elas adentravam na imprensa que, por sua vez, publicizava as discussões, ampliando-as e até gerando polêmica.

Dois dias após a primeira conferência, de 23 de novembro de 1873, em publicação enviada à redação de *A Reforma*, Buarque de Macedo destacou a boa aceitação da preleção de Manoel Francisco Corrêa, e sugeriu ao conselheiro a criação de uma sociedade propagadora

² Marco Morel destaca três definições para espaço público: “cena ou esfera pública, onde interagem diferentes atores, que não se confunde com o Estado; a esfera literária e cultural, que não é isolada do restante da sociedade e resulta da expressão letrada ou oral dos agentes históricos diversificados; e os espaços físicos ou locais onde se configuram estas cenas e esferas” (MOREL, 2005:18). Sigo esta mesma concepção para considerar as Conferências da Glória como um espaço público.

da instrução pública na Corte, semelhante à existente na província de Pernambuco.³ Tal sociedade de fato seria criada por Manoel Corrêa em janeiro de 1874 – a Associação Promotora da Instrução Pública. Diferente das Conferências da Glória, essa instituição esteve mais interessada na instrução das classes menos abastadas da sociedade como, por exemplo, na criação de escola para meninos e meninas desvalidos. Além do conselheiro, esse novo espaço de sociabilidade contou com a participação de outros conferencistas. Isto assinala algumas das redes de sociabilidade existentes entre esses letrados.

Muitos dos oradores eram figuras que atuavam em outros espaços letrados ao lado de Manoel Corrêa como, por exemplo, no parlamento, na Associação Promotora da Instrução Pública, na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; ou que, de alguma maneira, estavam engajados com a questão da instrução pública.

Dos assuntos expostos pelos oradores, muitos eram temas também discutidos em outros espaços de sociabilidade – nas faculdades de medicina e direito, nos institutos históricos e geográficos, nos museus, no parlamento, nas livrarias.⁴ Frisem-se os relacionados às ciências e à medicina como, por exemplo, a questão da higiene, que foi tratada em diversas preleções.⁵ Um dos oradores a versar sobre o assunto foi Antenor Augusto Ribeiro Guimarães, que em 1874 ofereceu um curso de higiene, como ficou conhecida a série de sete preleções que discutiam os meios preventivos contra a invasão de moléstias perniciosas. Em uma das conferências deste curso, o médico abordou as estratégias para se livrar dos pântanos da cidade, um problema que afligia a população carioca. Após essa preleção, o *Diário do Rio de Janeiro* sugeriu ao ministro do Império que fosse às conferências do médico a fim de que observasse as soluções que eram expostas.⁶ Isso remete ao modo como as Conferências da Glória eram encaradas, ou seja, uma exposição de conhecimentos que visavam um uso prático na sociedade.

Em março de 1875, o médico Antenor Augusto Ribeiro Guimarães apresentou duas conferências sobre a influência da medicina na educação, nas quais destacou que o conselheiro Corrêa já havia trazido, para tratar dos meios de acabarem com a “ignorância”, o político, o filósofo, o literato e o pedagogo; faltando, portanto, apenas o médico, e era para

³ *A Reforma*, 25/11/1873.

⁴ Tânia Ferreira argumenta que ir às livrarias se tornou hábito cotidiano dos letrados cariocas, que lá discutiam assuntos de ordem política ou não, constituindo, assim, novos “núcleos de sociabilidade”. Outro espaço de sociabilidade, salientado pela autora, era a rua do Ouvidor. (FERREIRA, 1999:85-86).

⁵ Acerca das sociabilidades de médicos e advogados, Tânia Ferreira destaca que: “[...] compunham um grupo socioprofissional que desenvolvia laços de sociabilidade em torno de suas próprias atividades de trabalho e outras mais ligadas a interesses culturais com alguma tradição no Rio de Janeiro” (FERREIRA, 1999:19).

⁶ *Diário do Rio de Janeiro*, 20/01/1874.

suprir essa lacuna que ele ali estava. Nota-se a vocação para direcionar o país ao progresso que o orador atribuiu à sua categoria, condizente com o discurso médico vigente no período, visto que o estado em que se encontrava a higiene pública servia como indicador do nível de civilização em que se encontrava o país.

Antes da implantação das Conferências, já ocorriam preleções públicas em outros espaços, como as realizadas pela loja maçônica do Grande Oriente do Brasil. Alguns oradores que discorriam neste local também se apresentaram na tribuna da Glória, evidenciando, mais uma vez, as redes de sociabilidade dos conferencistas; para exemplificar, assinalo, Tristão de Alencar Araripe, Luiz Corrêa de Azevedo, José Liberato Barroso, Jose Antonio Fernandes Lima, João Pizzaro Gabizo e Augusto Cezar Miranda de Azevedo, Rodrigo Octavio. Isso sugere a possível ligação desses conferencistas com a maçonaria.

Desde seu início, as Conferências da Glória tiveram ampla repercussão na imprensa. Sua inauguração, seu funcionamento e os discursos ali proferidos eram noticiados nos jornais. Isto posto, vale ressaltar o papel da imprensa como constituidora de opinião pública. Como as Conferências visavam divulgar a ciência, as artes e a literatura, a aceitação ou não pelo público das idéias ali expostas dependeria muito de como elas repercutiram na imprensa.

Para trabalhar a opinião pública utilizo a concepção de Jürgen Habermas, para quem a opinião pública é apoiada pelo bom senso, que permite o público julgar de forma positiva ou negativa as pessoas, os acontecimentos e as instituições; sendo, portanto, uma força capaz de pressionar as esferas pública e privada (HABERMAS, 1984). Para Habermas, a imprensa forma opinião pública por meio de um consenso junto ao povo, a fim de que este aceite ou negue uma idéia ou uma pessoa. Neste sentido, não bastava divulgar a ciência em conferências públicas, era necessário que as idéias ali expostas fossem aceitas pela opinião pública. Com isso, o papel da imprensa carioca foi fundamental.

Em 1876, pela primeira vez, Manoel Corrêa censurou um orador, interrompendo sua preleção. O motivo da intervenção foi a apresentação por Augusto Carvalho de assuntos que eram vetados na tribuna da Glória – política e religião. Todavia, a conferência continuou, pois, de acordo com *O Apostolo*,⁷ o público foi condescendente com a continuação da preleção; fato que despertou a indignação deste jornal. A repreensão da folha católica se devia à complacência do auditório, pois o conferencista abordava o positivismo e o materialismo de modo favorável – assuntos mal quistos pela Igreja.

⁷ *O Apostolo*, 05/11/1876.

É de se imaginar que em outras conferências temas que não eram permitidos já haviam sido abordados, no entanto, esse foi um fato “isolado”, em nenhum outro caso encontrei a intervenção do conselheiro. O que teria motivado essa intervenção? As idéias expostas por Augusto Carvalho talvez fossem opostas às de Manoel Corrêa; o conselheiro pode ter tido algum atrito com o preletor; alguém poderia ter aconselhado o coordenador das Conferências a fazer tal interrupção; ou teria havido algum tipo de pressão sobre o conselheiro que resultou em tal prática. Talvez uma dessas suposições seja a responsável por este caso “isolado”, ou quem sabe até mesmo todas elas.

Cabe sublinhar que, a fim de tentar convencer o público de sua verdade, *O Apostolo* destacou que a nota publicada fora enviada por um leitor. Mostrar que aquele era um espaço aberto ao público fazia com que a notícia exposta apresentasse uma credibilidade maior, visto que, a opinião pública pode ser considerada como justa e que acolhia uma idéia sem necessariamente comprometer-se, valendo-se dessa estratégia de escrita jornalística.

O acolhimento, por parte do público, das Conferências Populares era tão grande que, em 1874, em um artigo enviado ao *O Globo*, um leitor sugeriu a aquisição de um taquígrafo, para que se pudesse conservar e publicar as Conferências.⁸ *O Globo*, por sua vez, sugeriu a criação de uma publicação. Posteriormente, com o sucesso das preleções, foram contratados dois taquígrafos, os mesmos que trabalhavam na Câmara dos Deputados, para efetuarem seu registro. Novamente a participação do público se fez presente no jornal. A aceitação da proposta da folha mostra a repercussão que as Conferências da Glória provocavam na imprensa e também o inverso. O uso da taquigrafia significa que o saber seria retido a partir de então, registrado de forma impressa e escrita, haveria a cristalização do saber proferido nas preleções.

Com a transcrição das Conferências, em 1876, elas passaram a ser impressas em uma revista mensal, intitulada *Conferencias Populares*, que contou com dez volumes e, além de publicar as preleções realizadas naquele ano, editou algumas realizadas anteriormente. Mais uma vez, nota-se que a figura do conselheiro estava vinculada com a execução do evento, pois a revista era financiada com seu dinheiro.

Nos dois primeiros volumes da revista, após o término do último artigo, havia uma seção denominada “Avisos”. No primeiro volume foi impressa uma nota explicando que o artigo de Augusto Cezar de Miranda Azevedo, sobre águas minerais, não havia sido publicado, pois o autor não tivera tempo de revisar o texto, mas seria impresso no próximo

⁸ *O Globo*, 07/09/1874.

número. Embora o texto apresentado na revista desse destaque às reações da platéia – aos “aplausos” aos “muito bem!” – não apresentava as menções de desagrado, já que antes de ser publicado era passado pelo crivo do conferencista. Nestes mesmos volume e seção foi editada uma nota informando que no próximo número seriam arrolados os nomes dos assinantes do periódico. No número seguinte, na referida seção, outro informe justificou que a relação nominal não saiu porque eles ainda não haviam recebido a listagem, porém esta sairia no próximo mês. Infelizmente, esta lista nunca foi publicada, pois traria importantes informações a respeito do público leitor. Inclusive, esta seção não fez parte de outro volume da revista.

Antes de ser publicado, em janeiro de 1876, a *Gazeta de Noticias*⁹ informou ao público que havia recebido o prospecto do periódico. É provável que tal anúncio tenha sido enviado a fim de angariar assinantes. Cabe ressaltar que, enquanto houve tiragem da revista, a *Gazeta* foi o jornal que mais fez propaganda. Visando formar uma opinião pública, este jornal sua apreciação do primeiro número: “É uma leitura útil, que sobretudo nós recomendamos àqueles que por suas ocupações ou outras causas não podem freqüentar a escola da Glória.”¹⁰ Opinião que não foi diferente acerca do segundo volume.

Vale lembrar que os conferencistas tinham o papel de difundir o conhecimento científico que possuíam.¹¹ Dos oradores mapeados, a maioria tinha como formação medicina e direito. Segundo Tânia Ferreira, ter finalizado um curso superior afiançava uma “série de privilégios”, por exemplo, muitos cargos políticos e burocráticos eram preenchidos por bacharéis (FERREIRA, 1999:29). Destaco esse ponto, pois assinala o reconhecimento público que muitos possuíam na sociedade letrada do Rio de Janeiro.

Dos conferencistas que se apresentaram neste período, 30,2% eram formados em direito. No tocante ao papel dos bacharéis durante o período imperial, Eduardo Pena afirma que na construção do Estado e no seu funcionamento foi expressiva a atuação dos advogados, porém essa relação foi recíproca, uma vez que eles conseguiram utilizar os meandros governamentais para solidificar a categoria (PENA, 2001). No decorrer do século XIX, essa camada adquiriu cada vez mais prestígio e força na sociedade. Neste sentido, para Edmundo Coelho, a posição de destaque dos membros dessa categoria se dava mais em razão da atividade política do que do êxito na prática da advocacia (COELHO, 1999).

⁹ *Gazeta de Noticias*, 03/01/1876.

¹⁰ *Gazeta de Noticias*, 20/02/1876.

¹¹ Remeto aqui à asserção de Morel: “Quando se fala em educação e imprensa como canais dirigidos aos ‘Povos’ (tomados aqui como objetivos carentes de conhecimentos ou entretenimento), não é difícil verificar quem são os educadores e redatores. Os construtores dessa opinião pública são, em outras palavras, os membros da chamada República das Letras, os *esclarecidos*.” (MOREL, 20005:208). Grifo do autor.

Um desses bacharéis que ocupou a tribuna da Glória foi João Baptista da Silva Gomes Barata, que apresentou seis preleções entre janeiro e fevereiro de 1876, todas discorrendo sobre a situação da lavoura brasileira. Ao analisar a questão da lavoura no país, discutiu a problemática da paulatina extinção da escravidão para a produção agrícola; tema que era amplamente debatido no período, pois com a Lei de 1871 era ponto passivo que em breve a abolição dos escravos chegaria e, por isso, era necessário pensar qual seria a mão-de-obra assalariada mais adequada ao país. Suas preleções atraíram a presença de fazendeiros da província do Rio de Janeiro,¹² mostrando que havia uma composição do público em função do assunto. Isso reforça a suposição de que no imaginário do público as Conferências teriam utilidade e aplicabilidade práticas.

Contudo, o mais expressivo é a quantidade de médicos que se apresentou. Dentre os assuntos expostos por esses oradores os principais tratavam da medicina e das ciências naturais, destacando-se àqueles relacionados às idéias darwinistas – mesmo não sendo em número expressivo tiveram ampla repercussão seguida de polêmica na imprensa carioca. Publicizar esses conhecimentos científicos e torná-los favoráveis à opinião pública seria mais uma tarefa.

Para Milton do Nascimento, a opinião pública deveria ser formada, segundo a perspectiva iluminista, por intelectuais que obteriam sucesso, ou não, dependendo de seu poder de persuasão.¹³ Portanto, temas relacionados às ciências naturais e à medicina foram amplamente discutidos na tribuna da Glória, onde os detentores do saber médico oficial tentaram, por meio de seu poder de convencimento, fazer o público aceitar os preceitos por eles expostos. A “opinião esclarecida” (NASCIMENTO, 1989:64) vinha nos discursos dos oradores da tribuna da Glória, já que eles, em sua maioria, faziam parte de uma camada da sociedade especializada em alguma área do conhecimento.

Mais da metade das conferências ocorridas em 1880 (54,35%) trataram sobre ciências naturais e medicina. Das que abordaram assuntos relacionados à medicina, merecem destaque às que estavam envolvidas na discussão da reforma do ensino médico. Neste ano, por meio da preleção de professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, liderados pelo médico e professor Francisco Praxedes de Andrade Pertence, as reivindicações por uma reforma do ensino médico obtiveram a necessária repercussão para que fossem efetivadas. Em suas preleções, os professores denunciavam os problemas da falta de infra-estrutura das

¹² *Diário do Rio de Janeiro*, 02/03/1875.

¹³ Para Milton do Nascimento: “Trata-se de um processo em marcha, que consiste fundamentalmente ou na produção ou no desenvolvimento da verdade e na sua difusão, para a criação de uma nova mentalidade, de uma opinião esclarecida, até que o próprio povo apareça como detentor da verdade” (NASCIMENTO, 1989:64).

instituições de ensino médico e da inadequação do sistema de ensino. Foi após essas conferências que se iniciou o debate a respeito da necessidade de se realizar uma reforma, que ficou conhecida como Reforma Sabóia (EDLER, 1992).

Flávio Coelho Edler destaca que, juntamente com a moção enviada ao Imperador, ao Senado e à Câmara, levar as discussões da reforma do ensino médico para o espaço das Conferências foi a última cartada dos médicos reformistas, que já estavam desacreditados da efetivação da possível mudança educacional (EDLER, 1992:251). Cientes da importância desse local como formador de opinião, e da repercussão das Conferências na imprensa, esses médicos o escolheram para discussão e denúncia dos problemas que envolviam o ensino médico.

Além dos debates em torno das mudanças educacionais da medicina, os médicos conferencistas solicitaram e conseguiram do público, em especial dos comerciantes presentes nas Conferências Populares, ajuda financeira, visto que os recursos do Ministério do Império destinados ao ensino superior não eram suficientes.¹⁴ Com isso, lembro o caráter multifuncional deste espaço de sociabilidade, retomando neste ponto a afirmação Morel a respeito das múltiplas dimensões (política, econômica, pedagógica, cultural, corporativa e filantrópica) que podem ser encontradas em uma única instituição (MOREL, 2005:221).

Enfim, o espaço das Conferências Populares consagrou-se, entre 1873 e 1880, como privilegiado para importantes discussões, em especial às relacionadas à ciência. Neste lugar, conseguia-se a repercussão necessária para a legitimação política de idéias que constituíam parte de um projeto de educação científica.

As Conferências da Glória eram anunciadas e comentadas nos jornais da grande imprensa, que trazia artigos debatendo as preleções e as idéias que ali eram expostas. A repercussão na imprensa foi importante tanto por dar legitimidade ao espaço das Conferências, quanto por reverberar discussões sucedidas, com isso, colaborando na disseminação e cristalização das idéias apresentadas. A relação entre as Conferências e a imprensa era uma via de mão dupla, visto que esta se definia enquanto uma tribuna pública. Desta forma, visando a formação de uma opinião pública, as Conferências se constituíram como um local propício para a discussão de temas que também eram abordados em outros espaços públicos.

¹⁴ Edler informa que os donativos angariados atingiram o valor de 16:000\$000 (EDLER, 1992: 256).

Referências bibliográficas

- BARATA, Alexandre M. **Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COELHO, Edmundo C. **As Profissões Imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- COLLICHIO, Therezinha A. P. **Miranda Azevedo e o Darwinismo no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- EDLER, Flávio C. **Reformas do Ensino Médico e Profissionalização da Medicina na Corte do Rio de Janeiro, 1854-1884**. São Paulo, 1992. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- FERREIRA, Tânia M. T. B. da C. **Palácios de Destinos Cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- FONSECA, Maria R. F. da. *As “Conferências Populares da Glória”: a divulgação do saber científico*. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Vol. 2, n. 3, nov. 1995/fev. 1996. Pp. 135-166.
- GUIMARÃES, Manoel L. L. S. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. In: **Estudos Históricos**. n. 1, 1988. Pp. 5-27.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- MOREL, Marco. **As Transformações dos Espaços Públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840**. São Paulo: Hucitec, 2005.
- NASCIMENTO, Milton M. do. **Opinião Pública e Revolução: aspectos do discurso político na França revolucionária**. São Paulo: Nova Stella: Edusp, 1989.
- PENA, Eduardo S. **Pajens da Casa Imperial: juriconsultos, escravidão e a Lei de 1871**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.
- SAMPAIO, Gabriela dos R. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, IFCH, 2001.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público:** as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.